



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AO MOVIMENTO APOSTÓLICO DOS CEGOS E DO «MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO»

21 de Novembro de 1998

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Grande é a minha alegria ao acolher-vos e ao dirigir a cada um de vós a minha cordial saudação. Viestes para confirmar a vossa fé. É este, em primeiro lugar, o sentido da peregrinação à Sé de Pedro. Ao mesmo tempo, estais aqui para exprimir «agradecimento» ao Senhor pelas coisas boas que realizou, em vós e convosco, em todos estes anos: cem anos do Mensageiro de Santo António, setenta anos do Movimento Apostólico dos Cegos. A partir de duas experiências muito diferentes da vida da Igreja, podeis confirmar aquela palavra de Jesus: o «pequeno grão de mostarda» tornou-se verdadeiramente uma árvore grande, onde as aves do céu podem refugiar-se (cf. *Lc 13, 19*). Alegro-me convosco e exprimo o meu apreço ao Presidente do MAC, Prof. Francesco Scelzo, e ao Director-Geral da revista, Padre Agostino Varotto.

Além disso, saúdo-vos, queridos meninos e meninas da Escola Elementar «Don Pozzetto» de Novara, da Escola Média «D'Annunzio» de Motta Santa Anastásia (Catânia) e do Liceu Clássico «Stellini» de Údine. Viestes a Roma para receber o prémio «Lívio Tempesta», atribuído a estudantes que se distinguiram no curso do ano por singulares actos de bondade. Congratulo-me convosco e é-me grato acolher um grupo de jovens portadores de deficiência do Instituto «Santa Maria dei colli» de Fraelacco, Údine, aos quais alguns de vós estão ligados por amizade e solidariedade. A todos a expressão do meu afecto e encorajamento.

2. Vós, queridos amigos do *Movimento Apostólico dos Cegos*, neste ano social recordais as origens da vossa singular comunidade eclesial, quando, em 1928, Maria Motta iniciou na Itália uma união espiritual entre os cegos, segundo o modelo do Apostolado da Oração. Daquela pequenina semente desenvolveu-se uma associação que se difundiu em todo o território nacional e foi aprovada pelo meu venerado Predecessor João XXIII. Em 1968, quando o Servo de Deus

Paulo VI publicou a histórica Encíclica *Populorum progressio*, o MAC respondeu de maneira efectiva, e vós hoje recordais também os trinta anos de cooperação com os Países pobres do Sul do mundo, onde os cegos são mais numerosos e vivem em condições bastante difíceis.

O caminho destes decénios permitiu ao Movimento Apostólico dos Cegos compreender sempre melhor qual é o carisma específico a ele confiado na Igreja, um carisma que se compõe de dois elementos. O primeiro é a partilha entre cegos e aqueles que vêem, como fruto maduro da solidariedade na reciprocidade. O segundo é a opção pelos pobres, opção que, de vários modos e formas, é própria da Igreja inteira e que vós contribuís para realizar, sobretudo na promoção humana de pessoas que a deficiência ameaça penalizar e marginalizar.

Sobretudo depois do Concílio Vaticano II, o vosso Movimento abriu-se generosamente ao empenho de promoção humana, tanto na Itália como nos Países mais pobres. Precisamente aquele do chamado «terceiro mundo» foi o primeiro sector de actividade que tomou forma no interior da associação, e congratulo-me convosco pela obra realizada nestes trinta anos de cooperação com centenas de missionários e agentes nos campos da saúde, da instrução e da integração social. A atenção aos últimos mais distantes estimulou e fez crescer o trabalho no território nacional, a favor dos anciãos cegos, das pessoas plurideficientes, dos estudantes cegos, de pais e filhos que vivem o problema da cegueira. Tudo isto difunde a cultura do acolhimento, ajudando inúmeras pessoas e tantas famílias.

Caríssimos, continuai com constante confiança o vosso caminho, conscientes do facto que o futuro da humanidade está na partilha. Obrigado pelo vosso testemunho!

3. Dirijo-me agora a vós, que formais a família do «Mensageiro de Santo António» e celebrais os cem anos de fundação da vossa revista, difundida no mundo inteiro, e da qual foi colaborador sábio e perspicaz o meu venerado Predecessor João Paulo I.

Desde o seu início, no longínquo ano de 1898, ela quis sempre proclamar as maravilhas do Senhor, à imitação de Santo António que, na esteira do Seráfico Pai São Francisco de Assis, soube dizer as palavras do Evangelho, fazendo de toda a sua vida uma Boa Notícia. A referência a Santo António determinou também o estilo da mensagem. Com efeito, era necessário apresentá-la com uma linguagem fascinante e, ao mesmo tempo, com o testemunho de uma caridade operosa. Compreende-se, então, porque em torno do jornal nasceu, imediatamente, e cresceu de modo sempre mais generoso, uma cadeia de solidariedade e de ajuda fraterna aos mais pobres e aos mais necessitados, os quais, como dizia o Santo de Pádua, preferem a acção à palavra, o testemunho à explicação (cf. *Sermões* II, 100).

Eis a origem daquela obra tão preciosa denominada o «Pão dos pobres», iniciativa que jamais diminuiu nem sequer nos anos mais difíceis, marcados por miséria e pobreza, como os das duas guerras mundiais. Com o passar do tempo, ela alargou-se amplamente na hodierna *Caritas antoniana*, que trabalha de maneira eficaz em todos os continentes, fazendo sentir aos menos afortunados o bálsamo da solicitude fraterna.

O facto de vos encontrardes aqui exprime a vontade de renovardes o empenho prometido no início da vossa obra, desde o primeiro editorial: o de defender os interesses da Igreja. Mas o que significa isto senão - como diria o apóstolo Paulo - ser capaz de propor de modo persuasivo a sã doutrina do Evangelho? Eis aquilo que quis ser o «Mensageiro de

Santo António» ao longo da sua rica história, sustentado pelo espírito franciscano dos Frades Menores Conventuais, que o quiseram como instrumento de evangelização, de caridade e de coordenação entre os devotos do Santo de Pádua. As oito línguas em que é impresso, os cento e sessenta Países do mundo que alcança, estão a testemunhá-lo. Agora, este empenho assume uma urgência nova. No moderno «areópago» dos mass media sois chamados a «dar razão da esperança que está em vós» (cf. 1 Pd 3, 15). Defender os interesses da Igreja é, hoje mais do que nunca, defender o homem.

Em continuidade ideal com o ministério que os filhos do Pobrezinho de Assis exercem com generosidade na Basílica do Santo de Pádua, prossegui, na esteira de quantos vos precederam, a proclamar o Evangelho da vida com o jornal e com os livros. Ao homem, que às vezes já não é capaz de responder de maneira adequada ao «pedido de sentido», ofereci uma palavra iluminadora, rica de esperança; favoreci um discernimento que leve sabedoria à quotidianidade da existência e conduza a escolher o bem e a rejeitar o mal. A graça do Senhor vos ajude nisto e vos sustente.

4. Caríssimos Irmãos e Irmãs que viestes encontrar-me, a todos renovo o agradecimento mais cordial.

Acompanhe-vos e proteja-vos a Virgem Maria, que hoje contemplamos no mistério da sua apresentação no templo.

De todo o coração abençoo-vos, a vós e aos vossos entes queridos, às vossas actividades e aos projectos de bem, que generosamente realizais ao serviço da Igreja e dos pobres. Ajudar a missão de caridade no mundo